Revista TOMO, São Cristóvão, v. 45, e24789, 2026
DOI:10.21669/tomo.v45.24789
Dossiê: Sociologia econômica no Brasil: reconfigurações dos mercados e disputas de poder
E-ISSN:2318-9010 / ISSN:1517-4549

PARECER B

Artigo ID: 24789
Completo em: 2026-05-06 02:52 PM
Recomendação: Correções obrigatórias

Como pontos positivos do artigo, destacam-se:

- A atualidade do tema: o artigo se propõe a debater um tema central do capitalismo contemporâneo, a saber, a busca por fontes de energia alternativas aos combustíveis fósseis como novo motor do desenvolvimento da indústria automobilística. O setor automotivo é um segmento econômico a partir do qual é possível analisar diversas transformações importantes nas formas de produção (seja em termos de novos produtos, tecnologias, formas de organização do trabalho, e das redes, das finanças, disputas geopolíticas etc.). Embora haja, na pesquisa nacional, acúmulo considerável de debates e de conhecimento sobre o setor, o desafio enfrentando pelo texto é considerável tendo em vista que ainda é escassa a produção sobre tecnologias de produto, sobretudo acerca da eletrificação. A eletrificação e a descarbonização estão no centro do debate público e corporativo nacional e internacional, dentro do guarda-chuvas (e do paradigma da "economia verde"), o que confere peso à proposta submetida.

- Originalidade e ineditismo: além do número limitado de estudos sociológicos acerca da eletrificação no setor automotivo, o texto busca desenvolver seus argumentos a partir do arcabouço teórico conceitual da sociologia econômica. Alguns autores clássicos - e outros mais atuais - são trazidos ao artigo com o intuito de refletir sobre questões eminentemente sociais apresentadas sob verniz estritamente econômico. Neste sentido, para além de uma explanação meramente centrada em apresentação sucessiva de eventos, o texto esforça-se em avançar na análise do fenômeno de transição da matriz energética destacando a tensão entre dependências de trajetória tecnológicas e mudanças institucionais (descarbonização) que se refletem/são apropriadas como estratégias e/ou recursos dos agentes econômicos incumbentes afetando o ritmo, a direção e o próprio conteúdo da transformação. Os dados, assim como as análises, dão suporte ao argumento sobre o caráter não determinado da tecnologia, ou sobre seu caráter contingente, sujeito às peculiaridades nacionais históricas, econômicas, de políticas industriais e arranjos de poder.
- Os argumentos são consistentes, principalmente no que diz respeito ao enraizamento social da tecnologia. A empiria está adequada às questões suscitadas pelo texto, e há um levantamento substantivo de material que dá suporte às interpretações realizadas.

Aspectos que devem ser melhorados para a publicação:

- O texto, apesar de apontar autores que analisam as tecnologias a partir de uma perspectiva socioeconômica, não chega a debater com estes autores (à exemplo da citação de Ebner, 2025, Garcia, Carneiro, 2021, Reale, 2024). Não localizei Carneiro (2021) nas referências. Para além da exposição de uma lista de autores, é condição para um avanço teórico conceitual mais substantivo o debate com estas obras – e o texto tem material para fazer este debate. A ausência de um debate com estes autores chama ainda mais atenção diante do reiterado argumento de que

há escassez de textos de sociologia econômica acerca das tecnologias.

- Sugestão (incorporação não obrigatória): Outros autores centrais no debate sobre tecnologia são aqueles da Teoria do Ator Rede (TAR), entre eles Callon (citado em rodapé rapidamente) e Latour. Ambos produziram leituras interessantes acerca da relação entre paradigmas, tecnologias e sociedade. Estas teorias também trabalham com a ideia de construção social dos mercados, e fogem à ideia de que há um determinismo tecnológico. Mesmo que a opção seja por não trabalhar com a teoria dos autores, ainda assim, apontar as aproximações (temáticas, de perspectivas) e os distanciamentos (conceituais, teóricos) do texto em relação a estes autores centrais na análise da tecnologia tende a reforçar e valorizar o percurso teórico metodológico próprio.

- Há muitos conceitos sem definição no texto (dependência de trajetória, incumbentes e desafiantes, enraizamento, isomorfismo institucional). A definição de dependência de trajetória seria particularmente importante, pois a trajetória do etanol brasileiro, tal como descrita, parece mais descontínua do que persistente (condicionante forte). O texto destaca que: foi importante nos anos 1970/80, quase abandonada nos anos 1990, e retomada nos anos 2000/2010 mais como um recurso/ou estratégia empresarial e governamental (?), do que como uma continuidade inercial. Já que o etanol tem uma trajetória de investimentos não linear, quais elementos persistiram, para que fosse possível sua retomada pela indústria auto? O conceito weberiano de afinidade eletiva talvez pudesse ajudar a explicar este contexto considerando a possível existência de uma convergência entre matrizes tecnológicas, contextos socioeconômicos e estratégias. Por outro lado, não ficou claro se "dependência de trajetória" no texto está ligado a um condicionamento "ativo" – de continuidade da trajetória do biocombustível - ou "passivo/conjuntural" - déficit de uma infraestrutura para a produção em massa de EVs no Brasil -, ou aos dois. De qualquer forma, é preciso definir os conceitos e associá-los de forma mais evidente aos argumentos.

- Realizar uma revisão textual mais substantiva e evitar excesso de trechos transcritos. O leitor não conhece necessariamente as obras referenciadas, e as transcrições em excesso parecem mais recursos de retomada pontual dos argumentos do que de compreensão contextualizada dos mesmos. Além do mais, este excesso torna o texto cansativo.

- Na parte metodológica, há riqueza de dados explorados. No entanto, para além da enumeração das fontes de pesquisa, é necessário, ainda que rapidamente, identificar as questões a serem respondidas com a raspagem de dados de notícias, e o tipo de análise a ser conduzida: seria análise de conteúdo (parece predominante), e/ou de discurso (aparece menos, mas parece ter sido utilizada também ao falar das estratégias discursivas que exaltam a "vocação" do etanol). Com relação ao acervo documental do Automotive Business ,não foram definidos no texto: tamanho do acervo, critérios da triagem dos casos e período abrangido pelas publicações (não ficou claro se o período definido da pesquisa – 2011 a 2023 – seria equivalente àquele das fontes extraídas do site). O texto não deixa claro se foram lidas todas as publicações no período, ou se houve seleção (830 notícias sobre a indústria auto em geral, sobre a eletrificação, ou sobre a descarbonização?)

- No quadro 1, onde há uma comparação entre VEs e VCs, não há fonte de onde as informações foram extraídas.

- Rever menções genéricas a dados que ajudariam a sustentar os argumentos. À exemplo disso, há no texto sentenças como: "diversas medidas de incentivo desses veículos foram tomadas" (Quais?); "começaram a surgir projetos de lei, sem muito sucesso" (Quais projetos?); "novas e mais exigentes fases do PROCONVE eram publicadas" (Quais exigências?). Não é necessária uma discussão profunda, mas uma nota de rodapé com exemplos, não exaustivos, ajudaria a dissipar o caráter genérico destas afirmativas e dar apoio aos argumentos desenvolvidos no

texto.

- Outro trecho genérico que poderia ser melhorado/desenvolvido pelo texto: “A controvérsia central estava na metodologia do cálculo de emissões de poluentes de cada tipo de tecnologia (Figura 1).” (Por que houve controvérsia? Quem está disputando a técnica/metodologia de cálculo? São as incumbentes X governos; as desafiantes? A questão dos conflitos subjacentes às decisões supostamente “técnicas” acerca das tecnologias é um achado central que ficou sumarizado no texto. Por isto, é necessário explicitar melhor a relação de poder entre incumbentes, desafiantes, instituições internacionais (contextos legais e normativos acerca da economia verde), instituições nacionais, arranjos de poder nacional e a transição energética. Estas relações de poder ficam apenas subentendidas em alguns casos e, em outros, obliterada. O biocombustível consistiu em estratégia das firmas incumbentes e dos governos? Ou apenas das firmas? As políticas governamentais orientam e moldam estas escolhas a partir de interesses próprios, ou agem em função de constrangimentos externos (“isomorfismo institucional”) e das estratégias das firmas incumbentes e desafiadoras? Houve/há interesses próprios aos governos com relação aos veículos flex-fuel, para além da ausência de infraestrutura? Em caso positivo, quais?